

## JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 10 DE SETEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida  
Deve por-se de permeio,  
Pra suavisar o trabalho,  
Adistracção e o recreio.

**A GRINALDA** Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.<sup>o</sup>, rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.<sup>o</sup> rua dos Ourives n.º 21, a 2000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

## AS TRES FLORES

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma de uma virgem, tem o aroma da candide virtude, e recendem a sabiduría moral inadiñida do seio de Deos, que nos não é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem é a historia da humanidade, e conhece a sua relação com o Creador.

Feliz é ella unicamente na terra.

## SEGUNDA PARTE.

QUE NASCEM NA ALMA...

Era o dia seguinte tão claro e a sua luz tão fluida, que dir-se-hia que a natureza vestida de galas se preparava, como uma virgem, para uma festa solemne e nupcial. Os galhos verdes do mató, gottejando perolas do sereno da noite, tremulavam, como as madeixas louras de uma noiva ao sopro fagieiro do primeiro vento que a festeja ao subir de uma

coxilha, d'onde ella avista a casa do seu unico Lem, e que ella desejara tambem habitar, e pela qual trocaria o mais rico e soberbo palacio dos reis. A escassa e sombria luz do *Capão do Ipê* symbolisava aquelles espacos cobertos por abobadas e cercados por parêdes enegrecidas pela mão do tempo, que um viajor, passando ao longe, na Idade Media, chamava—*templo, ou mosteiro solitário*—ondé o barbaro entrava impiedozo, e deixando ao lado o alfange tinto no sangue dos Christãos dormia sem temor e sem que alguem lhe viesse perturbar o sono, a não ser a águia do norte esvoaçando na solidão e attrahida pelo immundo fetido do campo dos combates. E Rosinha passeando ali, muda e sem alevantar os olhos, figurava uma jovem e virtuosa freita, divagando sob as copadas do jardim do seu convento, donde ella tinha sido expulsa pelo estridor das armas dos infieis, tão triste e tão repassada da saudade, que affrontava os perigos para ver os seus sacros lugares, e dizer baixinho, murmurando, as orações da sua Ordem e as regras da sua abbadessa.

Rosinha passeava no *Capão do Ipê*, e estudava a sua lição.

Bernardo veio ate ali, procurando por sua filha.

—Tu pensavas? Rosinha!

—Sim, meu pae-sinho; não pude dormir esta noite; tantas cousas me vieram a cabeça!... tantas cousas que eu desejara saber!

—O que foi? eu eide esclarecer-te.

—Não comprehendi, por mais tratos que desse á minha cabeça, qual era a forma da nossa alma, e nem pude encontrar uma cousa que me illuminasse á respeito disto.

—A nossa alma não tem forma, cor, pezo, solidez, nem propriedade alguma da materia; é como ja te disse, immaterial e de natureza simples.

—Conhecemos nós então a sua natureza intima?

—Nós não conhecemos a natureza intima, isto é, a essencia de cousa alguma. Sabemos que elles existem somente pelos phenomenos ou propriedades que apresentam. A alma tem as suas, que são, a sensibilidade, a intelligencia e a liberdade.

—Fale-me, meu pae-sinho, da segunda; tinha vontade de entender o que isto é.

—E tu sabes o que é entender?

—E' conhecer as cousas.

— Pois bem; aíh está a intelligença: é o acto de conhecer. Ella porem não é primitiva, mas sim complexa, porque depende de muitos outros actos.

— E quaes são elles?

— A atenção, e a percepção, mediante os quaes nós temos ideias; o juizo e o raciocínio, que nos mostram as relações que existem entre as ideias; a memória e a associação de ideias que nos fazem conservar as que temos adquirido; a abstração que nos serve à analyse ou inquirição da natureza das ideias; e em fim a generalisação, que nos faz compreender debaixo de uma só noção um grande numero de seres.

— E o que é ideia?

— É todo e qualquer conhecimento que adquierimos.

— Oh como tantas duvidas se-me-foram! Estou bem satisfeita! E a liberdade? meu pae-sininho!

— Quem te trouxe esta manhã tão cedo para passear aqui no matto?

— Meu pae-sininho, foi uma vontade ardente, a que não pude resistir. Fiz então mal n'isto?

— Não, Rosinha; pelo contrario, isso me convence, este hade convencer tambem, de que tu tens liberdade, que podes quando quizeres vir aqui passear, ou deixares de vir quando te aprovuer.

— Entendo, meu pae-sininho; não tinha reparado n'isso. Como sou tão tola, que ignorava que a vontade...

— A vontade é a manifestação da liberdade.

— Tenho agora tantas ideias!

— São as flores que mais deves estimar.

— Obrigada, meu querido pae-sininho; eide amal-as muito porque estas são as flores que nascem na alma.

(Continuará.)

### O SINO.

(Continuação.)

### III.

O Sino da torre tangia a musica da oração.  
Era pacifica, sonora e regular; seus échos penetravão até à choupana mais longiqua da aldeia: era a hora da missa.

Como era respeitoso seu tanger, chamando os fieis para a missa; esta é a musica que guardamos em nosso coração para sempre, é aquella que nos accorda ao Domingo para irmos à igreja.

Longa procissão de todos os sexos e idades, marchava alegremente para a parte do templo, era a obrigação que o Parocho havia ensinado aos seus, e os seus santos concelhos eram seguidos, porque elle era bom homem, fazia bem a todos, a todos aconchegava e animava, e reprehendia modestamente quando alguém faltava.

Bom e santo Parocho, tu es mais feliz que o rei da terra; todos te conhecem e te amam; a mãe traz-te seu filho para o abençoares, o lavrador vem pedir-te concelhos e humilde beijar-te a mão do altar.

E o sino tangia a musica da oração.

Marcha, marcha bella procissão de fieis, que o sino anuncia-vos que é a hora da missa do Domingo, ide ao templo receber nova unção, novo balsamo para a vossa alma de peccadores, resa lá por tudo que tendes de caro sobre a terra, e quando confessardes vossas culpas ao Senhor, não omittas nenhuma, porque Ele todo é pura bondade e amor.

Neste momento de magica poesia, eu sentia um prazer intimo espalhar-se docemente em minha alma, todos estavam satisfeitos, todos fugião do pé do lar para ir ouvir missa. O toque do sino é já tão familiar para aquelles que o ouvem, estão tão costumados a desempenhar seus pedidos, que cegamente obedecem a seu clamado: elles o ouvirão quando nascerão, brincarão depois com elle, e o ouvem agora também e para sempre sobre a terra.

Encostado ao cipreste do cimiterio eu atentava todos os movimentos dessa multidão, e parecia-me então que tudo quanto há sobre a terra é inferior a este acto de verdadeira religião e de uma moral robusta.

Os echos alegres do sino perdão na encosta-se do monte, lá muito além pelas searas do undivago trigo, e subião mansamente ao eco, subião, té perderem-se nas nuvens, e serem ouvidos pelos anjos.

O sol da manhã alumia esta scena campestre; vós sabeis que o sol do Domingo é mais puro, mais brillante.

Que pão nel delicioso, que docura de cores e de scenas! Parece que a natureza toda se alegra nesta hora de respeitosa sublimidade.

E a bella procissão dos fieis caminhava alegremente para a igreja, todos os semblantes estavão animados; o ancião, a velha, o rapaz, a rapariga, o menino e a menina tudo parecia surrir-se.

E o sino tangia a musica da oração.

### III.

Festival, alegre e ligeiro, o sino agora repica! que temos?  
Sua musica cadente e harmoniosa infunde prazer no coração,  
traz riso aos labios, doçura a alma.

A bondade deste bronze do alto da torre espalha doce harmonia sobre a natureza que o cerca, e os passarinhos poussados sobre a cruz da capella modesta, pulão, cantão de alegres; voao e tornao ligeiros a voltar, brincão em torno da torre.

A natureza parece tambem saudar este acto de immenso prazer, o céo tão azul, nem umha nuvem sequer se deslisa sobre elle, a brisa agita brandamente a ramação do arvoredo, tudo é prazer, é dilicia.

E ainda eu sentado sobre a pedra á porta da choupana contemplava a festividade da aldeia.

Festival, alegre e ligeiro agora o sino repica! que temos?

E' o menino recem-nascido que vai a pia.

E' o dia do baptismo da aldeia, não é pomposo como nas cidades; mas é grandioso pela sua simplicidade.

O innocentinho vai a igreja, vai receber o baptismo, banhar-se na agua do Jordão, receber o nome de christão.

A mae, boa mulher, o traz nos braços, balança-o suavemente, e esta criancinha surriu-se para ella com a candura do anjo; como é lindo assim envolvido em roupas de linho bem lavado, as mãosinhos delicadas debatem-se inquietamente, os pesinhos alvos movem-se com sofrer-guidão; elle é todo prazer; o repique do sino forma já o seo brinco mais precioso. E' a primeira vez que vai a igreja, receber as primeiras impressões da musica divina.

Nesse dia todos apinhados em torno do baptisado festejão o sacramento mais pomposo do Christianismo.

Misturado com os canticos da igreja o sino forma um acompanhamento magnifico, de elevada harmonia.

Esta musica é ecloste, é igual a musica da natureza nas manhãs da primavera, quando os passaros cantão a che-

gada da estação nova, estação despertada do sonno do inverno.

Guardai estes sons na mente, recordai-vos delles quando na ausencia da pátria chorardes a falta dos objectos queridos que lá deixastes, e que vossas saudades ameas, escondidas no íntimo de vossa coração, se renovem de dia em dia e sereis felizes mesmo ausentes.

Porque quando tudo que nos cerca é estranho, quanto é doce as lembranças da nossa terra! e quando juntarmos estas lembranças a simplicidade dos costumes que trazemos do seio da família, formarmos um monumento sublime que é digno de ser invejado pelos mais felizes da terra.

Accordai-vos do sonno dormido em terra estranha e que os sons do sino, mas quando esses são alegres e festivais, venham ferir vossos ouvidos.

Lembrai-vos que quando vos baptisaram, o sino tocava alegre, porque era mais um filho de Deos que ganhava as recompensas da sancta lei de Jesus.

Festival, alegre e ligeiro o sinoinda repicava.

(Continuará.)

### O ALECRIM SECCO.

Triste raminho secco!

Era parda a sua cor; tinha trocado a verdura e gentileza pelo desbotado parecer.

Era pobre e mesquino—então é pobre e mesquinho um ramo que secca partida da raiz.

Era uma dor reduzida a folhas secas!

Erão cinzas de magoado chorar—íagem dos seus saluços angustiosos—inscripção dos seus suspiros—múda dor por uma alegria que morrera!

Tinha uma linguagem de melancolia, parecia querer lembrar-me a hora em que amortecera entre seus dedinhos.

Beijei-o, quando o recebi; fallei-lhe; interregnei-o.

E esse triste mensageiro, só me respondia—saudade!—

Saudade!—reprecentia em minha alma a sua voz, e triste e monotonio ia seu echo final perder-se de encontro à minha esperança de em breve a ver.

E mais triste e monotonio poisava-se o meu olhar sobre esse querido esqueleto de dor.

Huma lagrima então nasceu em meus olhos—cresceu—arrasou-os—pendeu—tremem à borda de minhas palpebras—caiu—depositou-se em cima delle; pareceu com elle identificar-se, pareceu uma gota implorando perdão.

Assim era, eu pedia-lhe perdão, a ella tristesinha, aquem eu havia abandonado por dias.

Chorei com elle.

Apertei-o sobre meu coração; era um triste raminho seco. Quando parti, desceu ella ao jardim; colhen-o; ella gostava tanto do alecrim, porque ama a sua singeleza e a sua significação.

Nascia entre outras flores: entre os malmequeres, os amor-perfeitos, as heliotropas, os jasmim, e em outro canteiro perto delle levantava-se a sua roseira predilecta—era a rainha à cabecinha de seus pequenos vassallos, movida pelo mesmo ár zinbo que estende o seu macio véu por cima das outras flores.

Então elle era verde, era formoso com a sua formosura e dizia, consolado—firmeza—.

Era um lindo relicário de amor penhido do seio da inocência—era nua porção-sinha do meu pensamento colocado perto do seu coração.

Guardou-o; passarião-se dias e seccou—morreu—desbotou.

Assim desbotarão suas faces quando seu peito pela primeira vez se levantou para dar nascimento a mim—ai—que afadigado soltou-se de seus labios tremulos.

Assim também se desbotou o meu prazer, quando parti e não lhe disse o acostumado adens.

Agora tornou-se de firmeza em saudade—tinha sido verde quando estava no jardim.

Ela tomou-o entre seus dedinhos; teve pena delle—entristeceu.

Sósinha com a sua prenda pensou em mim mil vezes.

— Vai, — disse ella — vai ter com elle, — diz-lhe que foste verde e que empallideceste em meu poder: conta-lhe minhas lagrimas e meus ais, diz-lhe quanto soffri —

E esse pequeno mensageiro veio ter comigo, ella m'o deu.

Eu posso esse raminho de alecrim que foi verde.

E' um triste raminho seco, sem cor, sem vida.

E ella é uma inocente creaturinha, igual ao mais lindo botão de roza, algumas vezes aljofarada pelas lagrimas da saudade.

Ornou seu seio este raminho; e ouviu o bater da seu coração; escondeu em seu vestido branco de virgem—e languiu-o entre seus dedos.

Oh! que eu amo este alecrim, mesmo secco, mesmo sem cor.

Eu amo este testemunho de seu amor porque me diz que ella é firme.

Eu amo este raminho agora secco porque me diz saudade.

Saudade, será pois meu gallinhu de alecrim quando de-  
pois de firme, entre umas delicadas mãos perder a sua  
verdura.

L. C. A. Junior.

---

### O MANACÁ

Coitadinhã, mimosa flor!

Multi-corada ella tão modesta vive no brejo, sem que alguém  
a veja.

Occulta-sé como si não fosse formosa, e tão cheia de vivas  
cores como a rosa, e tão fragante como o jasmim.

Ninguém fala d'ella. Escondidinha como a violêta, é melhor  
ainda que esta florinha. E a sua sorte é tão mesquinha!

Coitada, mimosa flor!

Como o arco-iris, que representa o pacto entre o Senhor do  
ceo e os homens da terra, ella brilha as suas cores à um  
raio solar perdido, que vai à suíto beijal-a por entre as  
espinhosas folhas do grauatá, e ainda assim esse brilhar  
é tão dubioso, tão modesto, como um aparecer de um  
seio de virgem ao albror descorado de uma odorifera  
matina.

Flor modesta! flor candida, da-me a tua placideza e ten  
invejado existir; flor rubra, da-me o teu fogo que não  
arde para acender a minha alma na poesia; flor roxa  
da-me essa tua saudade do céo para eu sentir-a pela  
minha amada, e também por Deos.

E eu te cantarei, coitada, mimosa flor!

E hei de fazer-te a rainha das flores, porque outra não há  
como tu.

---

## CARTA A' —CRINALDA—.

*Minha querida amiga.*

Tenho-me distraído tanto, e tanto, que me esqueci de Vm. Foi esta uma falta de que me não atrevo a perdoar-me; mas Vm. me julgará com benignidade, se, como me disse, sua mãe a creou entre flores com um coração de moça. Um coração de moça! nós só sabemos o que isto é! Os homens ignorão tudo!... Os homens! eu não queria falar n'elles, mas como me lembro agora de que Vm. os ama, quero advertir-lhe uma cousa, que se passou em seu próprio seio. Eu lhe tinha mandado as minhas floresinhos, e mandei-as porque gostava d'ellas, e porque Vm. se não desdenhava de as receber: era isto tão natural! Depois falei das suas flores, como nós costumámos falar dos nossos moldes de corpinhos, dos figurinos, dos nossos penteados, e em suma de tudo quanto é nosso, privativamente nosso; mas o que aconteceu? Um homem, que tinha na mão a lyra da poesia, transformou-a em arco de caça, e disparou contra o meu indefeso e frágil peito uma pelota de chumbo, dura como o seu coração — um epigramma. Fez-me tanto mal aquelle tiro! Senti uma dor tão viva no lugar em que o tinha recebido! Lancei algumas gottas de sangue! Hoje porém me acabo melhor. O campo fez-me tanto bem apenas mudei de ares!

Veja bem o que me responde, minha cara amiga! Agora, que estou disposta colherei algumas das minhas galas do campo para lhe mandar.

Roça 5 de Setembro de 1848.

MARUCAS DA RESTINGA.

## RESPOSTA.

*Minha Tadiinha.*

Veio parar ás minhas mãos uma carta sua, e, abrindo-a, eu sentia um prazer inaudito por ter a felicidade de receber notícias suas; porém ao lê-la qual não foi a minha angustia por saber que tem sofrido!... Oh! as gottas de

ngue ainda hoje me fazem arrepiar os cabellos... a mim  
não que nem tenho animo de ler as imagens pavorosas  
de Victor Hugo, e do Visconde d'Arlincourt, ter necessi-  
tade de ler a narração pathética aonde, do coração mais leal  
de todos os corações cahião gottas de sangue... do cora-  
ção da minha melhor amiga, a quem amo tanto como a  
luz da vida! Minha Todazinha deve concluir de tudo isto  
qual terá sido o meu dissabor pelos incomodos que afle-  
ctarão seu peito, e na alucinação de meu desprazer quasi  
quiz detestar o auctor de seus males; porem quando mais  
calma reflecti sobre o cazo, quando melhor encarei a cauza,  
desarmei minha ira e dispensei para com elle alguns raios  
de justiça. A pessoa de quem se trata, minha boa amiga,  
sabe bem avaliar e comprehender um coração de moça e  
dar-lhe o devido apreço. Ella tem uma lyra mesquinha,  
que diz não a ter sido confiada por Apollo; mas simples-  
mente pelo acaso, pois bem, affianço-vos que jamais elle  
ha lançado mão della para manchar um coração casto de  
virgem; affianço-vos en, que sou incapaz de mentir, que ja-  
mais elle tem procurado illudir a inesperioncia: de joven al-  
guma ja vê a minha amiga que elle não merecia o epitheto que  
lhe prodigalison, fundada não sei em que rasões. Elle tem, bem  
como nós outras mulheres, a sensibilidade um pouco apur-  
ada e tendo-se-lhe dispensado um titulo que elle não tem  
trabalhado por merecer-o, não fez mais que mostrar o seu  
ressentimento. Queira a minha boa amiga desculpar-lhe;  
como elle tem um coração incapaz de offendere a ninguem,  
não gosta tambem de ser aggredido injustamente.

Continue a hearar-me com a sua confiança; seus escri-  
ptos são estimados não só desse inteliz que teve a desdi-  
ta de cahir no seu desagrado; como de todos os que obser-  
varão as flores com que teço a minha—Grinalda—.

A mim me disse elle; não ouso responder directamente a D. Marcas... receio que querendo justificar-me vá,  
mau grado meu, irritar mais a sua colera e talvez que  
retirando a sua confiança liquemos privados de sermos mi-  
moseados com os seus trabalhos. Conheço a diferença de  
nossos sexos; porem tendo a necessidade de defender-me,  
jamais posso esquecer a justiça de minha causa.

Pense minha boa amiga, e seja generosa para com elle.

*A Grinalda.*

## UM SONHO.

E cri sonhando que feliz gosava  
Do mundo o bem superno? !  
Ai de mim! nem sonhando os gosos durão!

1

Pensei um dia  
Que entrelaçado  
Tinha nos braços  
Meu bem amado;  
Mas foi chimera  
Essa doçura  
Não dá-me a sorte  
Tanta ventura.

2

Seus castos lábios  
Aos meus unidos,  
De amor ardente  
Só revestidos,  
Mil votos firmes  
Eutão fazião  
Ennebriados  
A sós dizião;

3

Insseparavois  
Quaes avesinha,  
—Eu serei teu—  
—Tu serás minha—  
Ambos ligados  
Um só seremos;  
Nunca taes votos  
Nós quebraremos.

4

Seu lindo collo  
Forte pulsava,  
Como relogio  
Que as horas dava;  
Alto batia  
Meu coração,  
Dando do amores  
Demonstração.

5

As lindas faces  
Prestes corárao,  
De pranto as bagas  
Se deslisarao;  
Mas éra um pranto  
Todo prazer,  
Um pranto doce  
Que faz viver.

6

Benedicta seja  
Quem sente o ardor  
Do puro affecto  
D'um fido amor;  
Benedicta seja  
Quem nos meus braços  
Dá-me delicias  
De amor nos laços.

7

Contra seu peito  
Meu peito arqueija,  
Dou-lhe suspiros,  
Ella me beija;  
D'esta ventura  
Vendo o sorriso,  
Eu já me crio  
No Paraizo.

8

N'isto disperlo,  
Triste coitado,  
Na tricidade  
Tinha sonhado.....  
E cri dormindo  
Tanta doçura?  
Ah! para o pobre  
Não ha ventura. **B. J. B.**

## MOTE.

Só eu, só tu, mais ninguem.

## CLOZA.

Des do primeiro existente,  
Té o ultimo que houver,  
Nunca em nenhum se hade ver,  
Com o car nos amor vehemente;  
Não ha de haver quem sustente  
O amor que nos mantem:  
Eu sou firme, e tu tambem  
Es fiel e es constante;  
Em sim, meu bent, para amante  
Só eu, só tu, mais ninguem.

## OUTRA.

Veja o mundo, minha Osmina,  
Em nós o exemplo de amar,  
Com nossas lições tomar  
Venhão os que auror dominar:  
Tu a ser constante ensina  
Ao teu sexo, que tu tambem  
Ensinarrei que convem  
Ao meu sexo a lealdade;  
Pra mestres desta amizade  
Só eu, só tu, mais ninguem.

## OUTRA.

Aprendão nossa ternura,  
Nossa ternura sem par,  
Forçej m perfeitar  
A minha e tua doçura:  
Vejão em nossa fé pura,  
O que hão veem em alguém;  
Conheção, meu tê no bem,  
Té onde chega o amor;  
Leva-lo ao grão sup'rior  
Só eu, só tu, mais ninguem.

## OUTRA.

Poderão haver amantes  
Que nos queirão imitar,  
Porem não hão-de chegar  
A pontos tão relevantes:  
As nossas almas constantes  
São as que mais aniorcecem;  
Quem as ignora, meu bem  
Entre ninguem o acabamos;  
Para amar, qual nós amamos!  
Só eu, só tu, mais ninguem.

J. L. F.

## MOTE.

Se os humanos são culpados,  
Os Deoses também são reos.

## GLOZA.

Se metamorphoscados  
Por amar Deoses se virão,  
A elles a culpa infirão.  
Se os humanos são culpados;  
Se com sermos namorados  
Nós offendemos os Deos,  
Se levamos taes labeos  
Seus exemplos imitamos;  
Se criminosos amamos,  
Os Deoses também são reos.

J. L. F.

Achou-se em um rio que corre na Escócia um anzol de ouro. Este singular achado dá lugar a muitas conjecturas. Os moralistas dos arredores dizem que o pescador, que se servia de um anzol feito do mais precioso dos metais intentava aparentemente apanhar os peixes, como se apanhão os homens.

Um Philosopho antigo disse, que de quatro mães muito formosas nascião quatro filhos moi feios. A verdade gera o odio, a prosperidade a soberba, a familiaridade o desprezo, e à segurança o perigo.

### ANEDDOTAS

Um soldado teve a temeridade de pedir a sua baixa a Henrique IV. n'estes termos:—Sr., tres palavras, *dinheiro ou baixa*. Teve immediatamente em resposta:—Soldado, quatro, nem um, nem outra.

Um *quidam* que se presava  
De ser muito valeroso  
Teve uma rixa com outro  
Que o reptou suriosamente.

O *quidam*, apenas viu-se  
Mettido em lençóis tão máos,  
Poz-se a fugir quanto pôde  
A dar por pedras e páos.

Alguns amigos o vendo  
A correr qual um sândeio  
« Que é do valor? » lhe disserão;  
« Stá nas pernas » respondeu.

D. \*

### CHARADAS.

1

Oh! Céos! que zanguinha!  
Pareço maldito...  
De seis precedido  
Sou eu quem mais grito!... — 1.

Eu sou das Igrejas  
A mais respeitada—2.<sup>a</sup>  
Fui rei muito illustre  
Da Persia assamada—1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>

Fui homem illustre  
De genio secundo  
No Lacio oradôr  
O maior, mais secundo!..

Tambem este nome  
Na imprensa é usado;  
Lá certo caracter  
Assim é chalado.

## 2

Nunca fui, nem sou maligna—2  
Quem me tem é bem ditoso—3

Sou dita, sou felicidade,  
E d'homem nome formoso.

## 3

O cajú sem mim não passa,  
Passa a castanha, a seimente—1.  
Mais que todos mando a terra,  
Mais que todos sou potente—2

Fizemos um mal mui grande,  
Mas com maior nos pagarão;  
Ficamos todos sem pátria,  
E todos nos desprezarão!..

Inda hoje a nossa pátria  
É todo o mundo—é incerta;  
Mas já melhor tratamento  
No mundo se nos offerta.

## 4

Tem-me a cazaca  
O chapeo a tem;  
Porem na meza  
Todos a veem—2

Por ser mui macia  
Aspereza não tem;  
Poetico nome  
Do meu doce bem—2

Se de mim não tendo...  
Ella não me amará  
Eu cheio d'angustias  
A vida deixará—1

Camões escriptor o foi  
Como tal nome ganhou;  
Mas apezar dos pesares  
Pedindo esmola acabou...  
5

Eu a amei, ella traiu-me  
A fé que jurado havia;  
Diga mesmo essa infiel  
Que nome lhe pertencia?—2

Quasi nunca em linha recta  
Com caminho direito;  
Isso, a que esses poetas  
Denominão vitreo leito—2

Do todo d'esta charada  
Queremos uma ideia dar:  
Sabe que lo maior falso  
Não poem dúvida em jurar.

Explicação do Logogripho do n.º 6—Felicidade—.

Explicação das Charadas do n.º 6—1.º Coração — 2.º Corcovado—3.º Armario—4.º Retiro.